

O ENTHUSIASTA

JORNAL PARA O POVO

ASSIGNATURA		Orgão do Grupo dos Enthusiastas	ANNUNCIOS	
Guimarães, anno	500	Publicação semanal	Por linha	40
Com estampilha	600		Para artistas	Gratis

Guimarães, 28 de agosto

O CONFLICTO

Nos primeiros mezes depois de 28 de novembro, quando se conheceu que não era postiga a irritação effervescente do concelho de Guimarães, quando se provou que as manifestações, o deiras mas quasi tumultuosas, com que a cidade e os julgados se agitavam, não eram a comedia forjada por uma facção partidaria qualquer, mas a voz unisona de todo o povo de Guimarães, reclamando justiça do poder central, e verberando-se em phrase energica e digna o procedimento de Braga, o seu crescendo de politica egoista e oppressiva, a sua absorção systematica das forças vivas do districto, a sua oppressão rancorosa a tudo quanto pertencia, ou podia interessar a Guimarães; quando se viu que os vimaranenses residentes no Porto, sentiram despertar-se-lhes na alma a dor profunda em presença da perseguição constante e brutal á terra patria, e tambem se agitaram, e vieram, em visitas e cortejos solemnes, afoutar-nos com o seu exemplo na persistencia da lucta; quando se viu que os vimaranenses de Coimbra, de Lisboa, de todas as terras do paiz, das margens do Zaire, das longitudes do Brazil, nos diziam calorosos: avante! —; o paiz interessou-se vivamente por nós, applaudindo-nos, e admirando que, nos annos de 1885 e 1886, quando as facções partidarias se aproveitam insensatamente de todas as questões para se degladiarem, quando a acção d'um governo central estende a sua influencia a todos os pontos, a todos os angulos, quando a identidade de legislação e de costumes estabelecem entre todas as provincias do continente a afinidade de sentimentos e d'aspirações geraes, Guimarães reproduzisse uma pagina viva da idade media, em que cada municipio era quasi uma pequena nacionalidade, com o seu direito especial, com a cohesão e intensidade d'aspirações e d'amor patrio.

Ninguém nos levou a mal a reprodução da vida medieval no que ella offerece de digno, de sympathico, de vivo e patriótico.

Ninguém viu que a nossa irritação, e que o nosso desejo de separação completa de Braga pela suppressão do districto,

pela organização de governo provincial, ou pela simples e mais facil desannexação do concelho de Guimarães, traduzisse um sentimento baixo de injustificado rancor, d'odio velho repugnante e inapagavel contra a cidade de Braga.

A gloria d'essa descoberta estava reservada para o pequeno grupo progressista de Guimarães, que se nao pejou de recorrer a essa arma, para ver se conseguia que demos o conflicto por terminado, reputando a reforma administrativa na parte referente aos concelhos autonomos como a sua solução mais perfeita!

E' baldado o empenho: Guimarães conhece a sua cegueira por todos os actos praticados, por todas as omissões commettidas desde que as arruaças braguezas levantaram o partido progressista á direcção superior do poder publico. E' porisso que estão como que insulados dentro dos limites da sua propria terra! E' porisso que ainda não lograram assumir uma posição definida, abraçar e sustentar uma opinião firme e segura n'apreciação da ultima phase da questão de Guimarães. Vimos como agora o orgão do grupo se sente vacillante, contradizendo-se de numero a numero, e procurando como taboia de salvação n'esta sua via sobre abysmos ora a invectiva contra nós que, dizia elle, convertemos e prevertemos a questão com intentos eleitoraes, ora a fingida e amorosa condolencia por Braga, aconselhando-nos perfidamente que cessemos de propugnar pela suppressão do districto, porque é manifestar, é fazer a *propaganda do odio* (!), ora recorrendo ao povo, á sua ingenuidade, para que considere que a sustentação do conflicto é a nossa propria humilhação!!

E tudo isto, porque?

Porque o grupo pertende, por *taes meios*, readquirir a confiança publica; porque o grupo sonha que, readquirindo-a, arrastaria o concelho a humilhar-se por um acto de suprema indignidade e ingratitude, recusando o seu suffragio ao deputado Castello Branco!

E' isto o que os affronta, é isto o que os precipita cada vez mais profundamente na indifferença, na desconfiança publica.

E' este um dos factos porque o grupo cada vez mais se enfraquece, perdendo cada vez mais a authoridade das suas affirmações gratuitas, das suas declarações patrioticas, em quo se não cre.

Agora, á ultima hora, enredado nas difficuldades que a si proprio creou, declara-nos que abre um parenthesis na questão. Faz bem. Descance. Nós tambem descansaremos quanto nos aprouver com a liberdade de logo o fechar, como o «17» tem feito.

Não tomaremos as docuras do descanço, não abriremos o parenthesis sem primeiro notar que o «17 de julho», sollicitado repetidas vezes a demonstrar as vantagens para Guimarães da autonomia concelhia, nos respondeu com o silencio, ou com a repetição da sua forma dogmatica, ou authoritaria.

Ora, nós não estamos no tempo do — cre ou morres. Desadoramos sempre as dictaduras violentas, ou na doutrina, ou na acção. Queremos as ideas expostas com clareza e boa fé.

Poderá o «17 de julho» fazer essa demonstração? Poderá convencer-nos de que a autonomia é a *solução mais completa e honrosa, que surprehendeu os mais ambiciosos* e menos crentes? Poderá convencer-nos de que deviamos agora batalhar pela integridade do districto? Poderá convencer-nos de que vamos melhorar as finanças municipaes, que o contribuinte vimaranense vae gosar maiores melhoramentos, e pagar menores contribuições? Poderá convencer-nos que, conservada a integridade do districto, não teremos de concorrer para as despesas de sustentação do lyceu de Braga, das obras publicas de Braga, da cadeia districtal de Braga, e de quaesquer outras instituições, que o governo funde, estabeleça e sustente? Poderá convencer-nos de que não pagaremos para sustentação do batalhão d'empregados nas repartições districtaes? Poderá convencer-nos de que Braga, capital do districto, deixará exercer contra nós uma acção nociva? Poderá convencer-nos de que, autonomos, não temos d'augmentar as nossas instituições, especiaes.

Poderá por tanto convencer-nos de que a autonomia é melhor que a suppressão do districto, que o alargamento das circumscriptões, que a organização do governo de provincias?

Desafiamol-o novamente.

Não fomos nós quem encetou a questão; mas agora desafiamol-o novamente para que faça, se pode e lhe convem, essa demonstração.

Mas faça-o com imparcialidade; não continue, como já começou, porque assim edificará n'areia.

Todavia, desde já lembramos ao collega o substancioso artigo da «Provincia» n.º 180, precedente ao n.º 3 do «17 de Julho», tão distanciado em doutrina do n.º 1 e n.º 2.

Todavia não resistimos ao prazer de transcrever períodos claros e significativos da «Provincia», do «Commercio Portuguez», que não devem ser suspeitos ao «17 de Julho».

«A Provincia» no n.º 180 diz :

«Ao lado da Hespanha, que conserva quasi intacta a sua organização municipal velustissima, nós fizemos do nosso concelho antigo uma abstracção administrativa, e posemos-lhe em cima o abafador burocratico das corporações districtaes. Que raizes tem estas nos nossos costumes? Que dizem ao nosso povo? Causa alguma.

«Reduzir-lhes as attribuições é por mais d'um motivo um beneficio: é destruir um nucleo de despesas improductivas, e um ninho d'influencias perniciosas. A vida local portugueza é a vida municipal: o paiz é pequeno de mais para a ter em 17 districtos. Deixe a politica funcionar o novo codigo administrativo e ver-se-ha isto com o tempo: os districtos reduzidos ao numero das antigas provincias que são pouco mais ou menos as regiões naturaes da zona portugueza. Será isso um grande bem. Depois d'um largo circulo de divagações burocraticas, voltaremos a ter instituições baseadas nas condições naturaes: o concelho mais ou menos autonomo como orgão da vida local, e a provincia como orgão da vida regional».

E' isto o que diz a «Provincia», progressista portuense, mas pensadora, mas seria, apesar dos seus interesses partidarios. Veja o «17 de Julho» se a «Provincia», desejando, como nós, a provincia e não o districto, advoga ou não uma grande causa. E' para esse grande desideratum que caminhamos, por elle que nos propomos propugnar: o «17 de Julho», para, visto que lhe apraz, á espera das kalendas não do sr. Barjona, não do sr. José Luciano, mas... de si mesmo.

Agora ouçamos o «Commercio Portuguez» n.º 50—11.º anno :

«Um paiz pequeno como é o nosso não precisa de conservar o numero de districtos que tinha antes das suas estradas roaes, districtaes, municipais, e parochiaes, e vias ferreas... E' para lamentar que se inicie como principio de administração e direito local a integridade dos districtos».

Quererá, collega do «17 de Julho», o «Commercio Portuguez» afoutar-nos nos nossos intuitos partidarios?...

Responda-lhes, collega, e não a nós, que nós seguimos aquellas autoridades, e a de Martens Ferrão, e do conde de Valbon, e do «Jornal do Commercio», e de muitos outros. E' com elle que afirmamos: a autonomia não satisfaz.

E' uma conquista honrosa, é um triumpho valioso, mas é incompleto, insufficiente, cheio de lacunas e d'encargos.

Insinue, affirme á sua vontade que

simulamos uma opinião por intuitos partidarios, que procuramos fraudar o povo que confia no que afirmamos: não nos arredará do posto, a que nos chamam as nossas convicções. Faça de nos á vontade uns bulhões; aponte-nos como farçolas indignos: não terá nunca a força de nos obrigar a occultar o que sentimos.

Foi assim que começamos, é assim que concluiremos. Outros que afevem a mascara.

Abra-se agora o parenthesis, até que a qualquer de nós novamente convenha fechal-o.

Abra-se o parenthesis, e que em Braga continue, nas lojas, nos cafes, nas praças, a afirmar-se e que nos livramos da junta, mas que ficamos... comidos!

Faça o «17» causa commum com os que annunciam aquella afirmação tao longeira!

Exaggeram? Não, porque, quanto aos encargos, elles pagam por ora todos os beneficios, nós pagamos caro a nossa parcial independencia.

Só deixaremos de ser comidos quando se organize o governo de provincia, supprimidos os districtos.

Só deixamos de ser comidos, quando o governo deixar de nos sugar as economias para encher Braga d'instituições superfluas e dispendiosas.

Mas continue o collega com as suas cifras, continue, que depois chegará a nossa vez.

PARA RIR

O «17 de Julho» anda n'uma bresa. Ha de ser effeito da rua... e o tempo v.e quente.

Pois não liria elle agora porque lhe parece que o correspondente d'esta cidade para o «Jornal do Commercio» tambem escreve artigos para este periodico!

Coitado do grupo breguez!

Doe-lhe que o correspondente diga o que sente, e seja vimaranense ás cegas.

Pelo que diz respeito á collação n'este periodico, honramo-nos sempre que, quelle rosso zungo nos obsequiea com algum escripto seu, por isso que até hoje não houve afevenia das suas opiniões com as d'esta redacção.

Não de dar licença que este periodico tenha uma redacção para prosa e verso.

Nós tambem lhe concedemos o direito de a ter, e julgamos que ella vae conforme com as opiniões do seu articulista. Ou o quinteto não tem opinião?

Critica—para apreciar a questão de Guimarães, temos notado que não é muita; mas opinião e liberdade, o quinteto ha de tel-a, silvo se fez contracto d'obediencia ao seu articulista, o que ignoramos.

Ratoes!

A junta geral de Braga anda esfomeada de todo. Quer dinheiro venha d'onde vier.

De facto, sem dinheiro não se compram melões, mas enfim tenha paciencia, e espere mais um «nadinha».

Logo que seja decretada a

autonomia mandamos... «saldar contas» (?)

RAPIOCADA

Quem tem pinheiros tem pinhas,
Tem pinhoz quom pinhas tem;
O Zé que di-la tem pinhas,
E tem oliveiras tambem.

Obram bem os tuos oliveiros
As vinhas do seu sequeiro?
Serão elles calceiros,
Ou trabalham com ardor?

Eu não sei— sendo bem pagos,
Devem ser trabalhadores;
Pois a promessa dos bôas
Já lhes compenaa os suos os.

Eia pois! salta o polão;
Toca, toca a trabalhar;
Val ligeiros; quando não
Podem ficar a apitar.

Nitrato

Os de lá, e os de cá

Os breguezes do Commercio do Minho, flem de nos chamarem doucos, aviziam os Alcazuzens que tenham cautella, que elles não são de meias medidas! Nós ficamos amarellos, e qu'quer dia conegamos a avogara—integridade do districto e a sua perpetuidade. O «17» dos breguezes de cá pulará de contente.

José da Silva Mendes Leal

Toda a imprensa do paiz tem noticia do fallecimento d'essa eminente personalidade que occupava um logar distinctissimo na scena litteraria e politica.

Mendes Leal era filho de um obscuro artista, mas o estudo, a applicação, e uma intelligencia excepcional ganharam-no as mais brilhantes culminações sociaes.

Falleceu em Cintra no dia 22 do corrente.

O enterro realisou-se no dia 23, no cemiterio occidental de Lisboa.

A «EPOCA»

Recebemos o primeiro numero d'este jornal que começou a sua publicação n'esta cidade no dia 24 do corrente.

E' semanario politico, litterario e noticioso, e milita no campo democratico.

Apparece magnificamente redigido.

De-sejamos ao novo collega uma longa vida cheia de prosperidades.

PERFIS

Eu não conheço coisa mais difficil, mais melindrosa, e até de mais perigos n'este mundo do que esta de tentar fazer da tinta chloreto de prata para fixar em papel insensivel o perfil de um sujeito qualquer que a gente agarra e obriga a sentar-se no atelier, melhor ou peor illuminado, da nossa imaginação.

É difficil porque, por muito boa que seja a nossa *clara-boia*, a luz ás vezes falta.

É melindrosa porque a operação depende de processos todos *negativos*, o que nem sempre produz um bom *positivo*.

Finalmente, é perigosa por innumerables motivos, o menor dos quaes pode circumstanciar-se ao desencaixe das costellas do artista-perfilador, a proposito... verbigratia, de haver sido um fiel copista.

Ora isto que pode muito bem levar um homem senão ao Pantheon das celebridades pelo menos ahí para a Santa Casa da Misericordia, e ainda, segundo o meu modo de ver, o menor dos males, porque o peor não é ficar sem costellas, mas ficar sem amigos.

Mas deixemos estas considerações, que me poderiam levar *trop* longe, e comecemos de esboçar o modelo que metti a fôco.

Permitam-me que com toda a cautela, com todo o geito de que sou capaz lhes apresente o meu nobre amigo o excm.^o snr.

Que é isto? os senhores fogem?! Isso parece mal, aproximem-se! Lá pelo facto de ser progressista, o meu nobre amigo, não é nenhuma pessoa intratavel. Nada d'isso!

Tem o aspecto agradável; o olhar vivo e fino; o bigode grisalho, comprido cobrindo parte da bocca para não deixar sair senão... o que deve ser ouvido, politicamente fallando.

Gosta de caça: é mesmo doido por ella, e a ponto tal que ainda não ha muito tempo andou a percorrer o conceito todo n'esse bello exercicio.

Agora mudou de hábitos. Depôz a saccula, encurralou os perdigueiros e... fez-se pescador.

Armou rêdes em Relho, e vai-as estendendo pelo *rio* adiante. Aquillo por alli é muito abundante em trutas é, mas a agua vem de tal modo saturada de cal que eu temo bem que as malhas se lhe rompam todas.

De modo que, se não foi feliz na caça, na pesca não sei que mais arranje.

Mas, que temos nós com isso? Que elle casse ou pesque e seja feliz, ou perca o seu bello tempo, não será isso indifferente para todos nós? Eu cuido que sim. E, demais, se os tiros lhe fallam e se as rêdes lhe quebram, não poderá elle mudar de systema e fazer-se santo, — um eremita a quem os mais ferozes leões obedecam, um frei Antonio cuja voz encantante os habitantes do humido elemento?

Lá que elle tenha queda para santo não creio eu, mas que tenha geito e manha para fingir que o é, isso tem elle, que farte.

Não o conheceram?

Tanto melhor. Creiam que o meu maior desejo é que os meus queridos amigos e leitores o não conheçam agora e na hora das eleições principalmente, amen.

Psst Ana.

DISCORDANCIAS

O «Commercio do Micho» diz que a autonomia nos vai ficar amarga; o seu collega «17 de Julho» diz que não: quem advinha, o braguez de cá, ou o braguez de lá?

Continuam a não ter juizo os progressistas de cá.

Ha dias—um dos d'elles—residente em Vizella, quiz obrigar um caseiro a dar-lhe o voto. Como nada conseguisse, impoz-lhe o dobro da renda, ao que o caseiro respondeu com as armas de S. Francisco.

Deveu á amizade de alguns amigos encontrar casa dentro de pouco tempo.

Ora n'este, e em tantissimos outros casos que por ahí se tem dado, vemos nós a boa tatica e ao juizo dos *nossos* progressistas, e o bem que lhes quer o nosso povo.

«Se o povo lhes der a elles, á força, o seu voto nas eleições é claro que *trahuz* n'esse imponente festejo a alegria da sua alma... d'elles».

Jesuino toca o himno.

Um borracho estatelou-se na rua: um cão que passava proximo comeu a lambor-lhe a cara. O lebado, julgando-se sob a navalha d'um barbeiro, exclama:

—Mestre, deixa-me só bigode e pêra.

EXCAVAÇÕES

Pescar sem Anzoes

Certo filantropo, um dia
Quiz saler d'um pescador
Quil era a monção melhor
Para a pobre pescaria;
Mas este, que tem sardia
Quando o amor é mais escasso,
Arranhando to cacheco
E consultando os lotões,
Lembrando ce las morsões
Em que o vento mais rei esca
Respondeu: «a melhor pesca
É quando houver eleições».

Riu-se muito o filantropo
Da malicia do porco;
Mas, por não gostar crabeiro
Em lhe pagar o seu cupo,
«Gihem a gente que eu topo!»
Foi-se dizendo consigo:
«Chamem-lhes brutos! Eu digo
Que são uns grandes heroes!»
O porco, que dos deus
Não é a o menos manhoso,
Resmungou-lhe: «Que geloso!
Viuha pescar sem anzoes!»

Villa do Conde, outubro de 1869.

R. C.

FACCIOSISMO

O «17 de Julho» mostra-se tão faccioso, que inculpa o governo regenerador por se ter creado uma contrastaria em Braga! Já é!

Aquelle governo fez uma lei geral, e creou duas contrastarias, segundo as reclamações da maioria dos ourives de Lisboa e Porto, este governo abriu a primeira excepção para Braga.

Um favor para Guimaraes, está claro. O «17 de Julho» que o agradeça, nós não.

Os do «17 de Julho», em grammatica, são uns... dentistas.

Por exemplo:

«Isto por em não significa a *mais minima* censura ao elevado espirito, etc.»

Ze Francisco amigo: para que diabo deixas passar asneiras d' estas no teu periodico?

CONTRASTARIA

O *Braguez*... perdão!—o «17 de Julho», não podendo applaudir que se creasse em Braga uma contrastaria, atria com as culpas ao partido regenerador!

Isto é unico! O governo regenerador propoz a lei, que era reclamada pelo interesse publico para credito da ourivesaria portugueza, e para que os productos estrangeiros não viessem extinguir a industria nacional, pois que se deixavam entrar as francezas com o toque de 0.^m750, quando as nossas tinham 0,810, tendo as allemãs ainda menor loque que as francezas.

O governo regenerador fez um bom serviço.

O que fez o progressista?

Quer franqueza, senhor do «17»?

O governo progressista fez mal a Guimaraes, creando a contrastaria em Braga, e fez bem a Braga, á sua amada Braga, á terra dos seus carinhos.

Mas o que o «17» não disse, apesar de progressista, vamos nós dizel-o, que o não somos, nem em Guimaraes o queremos ser em quanto ss. ex.^{as} fizerem o que fazem.

O governo progressista aperfeicou aquella reforma, tambem em beneficio da industria em geral, alterando a lei de tolerancia nas soldas.

Portanto os governos regenerador e progressista procederam bem para a industria d'ourivesaria em geral: para com a de Guimaraes, só procedeu mal o progressista.

Pode remediar o mal? Pode: é crear aqui outra. Que o faça!

«17 de Julho», um momento d'ateneção: RECLAME, *substantivo feminino*, etc. (Vid. todos os dicionarios francezes).

RECLAMO, *substantivo masculino*, etc. (Vid. todos os dicionarios portuguezes, inclusivé Moraes). Fique sabendo o «17».

REGISTRO

O «17 de Julho» afirma-nos que tem um registro das *nossas* manifestações d'amor.

Estimamos. Nós tambem registramos as do grupo, antes da folha, e depois da folha.

Se o registro é interessante, desembuche, qua depois irá o nosso. Desembuche; diga os *passos*.

A SEMANA

? ...

Sabem o que ha de novo? Eu lhes digo: não ha nada absolutamente.

Durante a semana nao houve uma unica novidade, nem um escandalo sequer!

E' d'arrelhar!

Mas, enfim, como quem tem o vicio de fallar, falla sempre, eu, no uso plenissimo do meu direito de massador d'officio, heide ter por força com que entre-

ter a inexgotavel paciencia dos meus muitos amados leitores.

E creiam que para isso não me será preciso nem mentir, nem inventar, (*inventar e mentir* são duas cousas distintas.—vide Moraes) nem calumniar, nem entrar, sequer, nos dominios da vida alheia.

Nada d'isso, nem para tal eu tenho geito.

Pregue a minha massada, causticar um parecido qualquer a ponto de elle morrer por se ver livre de mim e não conseguir *despegar-se* nem pelo diabo: arreliar-o com uma conversa seguida, interminavel, apoquentadora, esse geito tenho-o; mas mentir, mas dizer verdades que se não devem dizer... isso *credo!*

Não se me dá com o genio metter-me pela vida de ninguém, e, na verdade, eu não sei para que diabo é que serve dizer-se, por exemplo, que o Barbosa é amante de regedorias, que o Rufino é um bello pintor de todo, que o Macedo gosta muito de *fianar*, que o Pedro, o Meira, o Dias, são *ronhas* de primeira força,— sendo rei o primeiro,— que importa a todos nós isto, e que lucraram os senhores em ouvir dizer que eu sou aquillo que todos nós sabemos? ..

Pois não é verdade que todos ficam na mesma, sendo unicos a perder nós, que ganhamos fama de más linguas?

E isto que se dá com a vida privada do nosso proximo, dá-se igualmente com a politica, que é a privada dos povos.

Eu não sou politico, mas como patriota, faz-me ferir muitissimas vezes ver que depois de nos termos meido e canado e arreliado com os *braguezes puros* do lado de lá da Falperra, ainda tenhamos agora de nos vermos a tombos com os *braguezes impuros* do lado de cá, uns braguezes levados de todos os diabos porque são de casa, uns braguezes que não discentem a *festo*, mas levam a cousa para o riso onde se requer seriedade, e carregam a viseira onde tudo são risos, verdades e festa.

Isto dá vontade decidida da gente fallar, mas... para que? Deixar correr os marfins.

O melhor é a gente rir-se e não mais fallar.

Desenganemo-nos—as coisas são o que são, disse-o o Mestre, e demais os factos, as coisas e as pessoas estão *reconhecidamente reconhecidas* e passadas em julgado pelo publico — *Res judicate pro veritate habetur.*

.....
Puff!

Só o latim podia ter força de fazer-me calar; mas agora calo-me de vez porque julgo haver-te dado uma pequenina amostra, querido leitor, da massada que serei capaz de pregar-te mesmo sem te dizer cousa nenhuma como agora, por exemplo.

Tal qual as manas Periquitetas.

Est Ana.

AGOSTINHO ALVES

COM

Estabelecimento de mercearia, tabacos e diversas miudezas na rua de Santa Luzia n.º 2 a 6, faz publico que d'hoje em diante usará o nome de

Agostinho Alves Bastos.

ABELHA

(Abecedario com mais de dusesentos de-uhos de letras e debuxos para bordar)

PREÇO 1:000 reis

Remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia a

Manoel Pinto Monteiro, Travessa do Cogo, n.º 13, á Praça das Flores.

LISBOA

PHOTOGRAPHIA E PINTURA

GUIMARÃES

63—RUA DE SANTA MARIA—63

N'este antigo e acreditado estabelecimento continua-se a tirar retratos pelos ultimos e mais aperfeicoados processos, desde a miniatura ate ao tamanho natural. Todos os dias, seja qual fór o tempo, e ás horas proprias d'estes trabalhos; sendo os seus preços relativamente baratos.

RETRATOS A OLEO E A CRAYON

PHOTOGRAPHIA UNIVERSAL

FRANCISCO GOMES MARQUES

N'este novo atelier, recentemente aberto ao respeitavel publico d'esta cidade, opera-se pelo novo processo rapido ao gelatino bromuro, para o qual tem aparelhos verdadeiramente proprios e modernos. Tambem se faz impressão de retratos pelo processo inalteravel a carvão e a saes de prata, garantindo-se a mesma perfeição e nitidez como se fossem tirados no Porto. Tambem se tiram grupos tanto dentro do atelier como ao ar livre para o qual tem quintal proprio para tal fim. Opera-se com todo o tempo, desde as 8 horas ás 5 da tarde. Os retratos não serão pagos não estando á vontade do freguez.

93—RUA DE CAMÕES—93

GUIMARÃES

CLINICA DE CRIANÇAS
SOTSA CHRISTINO
MEDICO MILITAR
16—RUA NOVA DO COMMERCIO—16
Consultas nos dias úteis, das 8 às 10 da manhã.